

***Fraseoemojis* na língua portuguesa? Um estudo exploratório**

***Fraseoemojis* in portuguese language? An exploratory study**

Davi Pereira de SOUZA*

(Instituto Federal do Pará - IFPA)

Carlene Ferreira Nunes SALVADOR**

(Universidade Federal Rural da Amazônia - UFRA)

RESUMO: O objetivo deste artigo consiste em discutir o reconhecimento de fraseologismos representados em sequência de *emojis* em um desafio de natureza lúdica que circula em ambiente digital. A abordagem teórica está circunstanciada a Mejri (1997, 2012) acerca das características reconhecíveis das propriedades fraseológicas, quais sejam: polilexicalidade, fixidez, congruência, frequência, previsibilidade e idiomatidade. Também são consideradas as perspectivas de Ortíz Alvarez (2000, 2015) acerca da competência fraseológica e Monteiro-Plantin (2014, 2017) no que tange à descrição das parêmias, assim como Lévy (1996) na definição de ambiente virtual. Os procedimentos incluem a composição da amostra a partir da seleção de respostas de internautas, falantes nativos de português, a um teste de adivinha de ditados populares, organizado pela disposição linear de *emojis*. Os resultados obtidos revelam 16 fraseologismos cujos aspectos recorrentes apontam para a categoria dos ditados populares, tais como: 🐎 🎲 🤖 😬 ~ *cavalo dado não se olha os dentes*; 🌍 🤖 😬 👑 ~ *em terra de cego, quem tem um olho é rei*; 😬 🙌 🙌 ~ *quem não chora, não mama*; 😊 🏠 🙌 🙌 ~ *santo de casa não faz milagre*. A análise demonstra a necessidade do acionamento das competências fraseológica e semiótica para a compreensão das sequências produzidas com *emojis*.

PALAVRAS-CHAVE: Linguagem imagética. Fraseologia. Aplicativo de mensagem.

ABSTRACT: The objective of this article is to describe and analyze phraseological units that circulate in virtual environments, particularly in conversations on the instant messaging application WhatsApp. The theoretical approach is based on Mejri (1997, 2012) regarding the recognizable characteristics of phraseological properties, namely: polylexicality, fixity, congruence, frequency, predictability, and idiomatity. The perspectives of Ortiz Alvarez (2000, 2015) regarding phraseological competence and Monteiro-Plantin (2014, 2017) regarding the description of parems, as well as Levy (1996) regarding the definition of a virtual environment, are also considered. From a methodological point of view, the research is qualitative in nature and exploratory in nature, as indicated by Marconi and Lakatos (2021). The procedures include composing the sample from the selection of sequences that indicate parems present in guessing games, the so-called challenges, organized with characters called emojis, in which it was possible to identify, through the linear arrangement of the structure, known and recognized phraseologisms of the Portuguese language. The results revealed 16 phraseological units whose recurring features point to popular sayings, such as: " 🐎 🎲 🤖 😬 *Don't look a gift horse in the mouth*"; " 🌍 🤖 😬 👑 *In the land of the blind, the one-eyed man is king*"; " 😬 🙌 🙌 *He who doesn't cry, doesn't nurse*"; " 😊 🏠 🙌 🙌 *The analysis demonstrates the need to activate phraseological and semiotic skills for understanding sequences produced with emojis.*

¹ Mestre em Letras - Área de concentração em estudos linguísticos - pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Professor EBTT do Instituto Federal do Pará (IFPA), campus Castanhal. E-mail: davi.pereira@ifpa.edu.br

² Doutora em Letras - Estudos Linguísticos pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Docente dos cursos de Letras Português/Libras da Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA). E-mail: carlene.salvador@ufra.edu.br.

KEYWORDS: Image language. Instant messaging apps.

Introdução

A velocidade de circulação de informações impõe que pesquisadores da área da linguagem estejam atentos aos fenômenos linguísticos que se manifestam a partir dos discursos utilizados em diferentes suportes, especialmente aqueles oriundos dos meios eletrônicos. Quando a plataforma de difusão se trata da grande rede, a atenção necessita de ser redobrada. Caso contrário, não será possível acompanhar o ritmo dos fenômenos que circundam os textos e discursos produzidos sob a égide da tecnologia.

Nesse ambiente digital, é recorrente o uso de redes sociais e aplicativos de mensagem instantânea que possibilitam a troca de textos com mais velocidade. É a partir da noção de otimização do tempo que os internautas também fazem uso de recursos internos de seus aparelhos para agilizar ainda mais a comunicação. No rol de aplicativos disponíveis **à palma da mão**, o *WhatsApp* se tornou no Brasil, dentre as opções que possibilitam troca de mensagens em tempo real, um dos líderes do segmento em número de *downloads* (Faria Júnior; Silveira, 2023), oferecendo aos internautas, de forma gratuita, opções de configuração que incluem atualizações e recursos de ordem gráfica. Um desses recursos diz respeito aos *emojis*, caracteres que cumprem a função de expressar reações, sentimentos e, às vezes, até substituem mensagens verbais curtas.

Além de mediar a demonstração de afetividade no tecnodiscurso, os *emojis* podem diminuir a distância entre diferentes idiomas, uma vez que a linguagem imagética, sobretudo nos aspectos figurativo e denotativo, costuma ser mais universal (Abdalla, 2021). Ademais, otimizam o tempo gasto durante a escrita de uma mensagem, de sorte que os usuários passam a utilizá-los cada vez mais e de forma mais constante em suas conversas, tendência já observada em 2015, em que mais de 6 bilhões de pictogramas eram enviados diariamente em mensagens *on-line* de aplicativo (Who, 2015 *apud* Abdalla, 2021). Acionados e inseridos de acordo com a conversa desenvolvida e cumprindo diferentes papéis, cada vez mais os aplicativos oferecem atualizações desses recursos com vistas a ajudar na dinâmica e na aproximação de uma conversa equiparada àquelas de ordem presencial que ocorrem **face a face**.

Salvaguardadas as diferenças entre a linguagem verbal e a linguagem pictográfica dos *emojis*, alguns paralelos podem ser estabelecidos. No plano da língua, os itens monolexicais são inseridos na cadeia de fala e se organizam linearmente para imprimir sentido às unidades,

as quais, na escrita de um texto multissemiótico ou multimodal (Rojo; Moura, 2019), podem ser representadas por um único *emoji*, como acontece com o adjetivo *preocupado* e seu caractere correspondente 🙄, que serve como ideograma daquele. Observam-se, também, especialmente em algumas conversas do *WhatsApp*, mas não exclusivamente nesse aplicativo, construções em linha que sugerem a mesma organização de uma sequência sintagmática (semi)fixa, similarmente à estrutura polilexical dos fraseologismos. Para além de uma simples organização aleatória de *emojis*, percebe-se que a coocorrência de alguns desses caracteres veicula, em alguns exemplos, o mesmo sentido expresso por fraseologismos, especialmente os semanticamente opacos, tal qual em 🌍 🙈 🙄 👑 em representação ao ditado **em terra de cego, quem tem um olho é rei**.

Nesse contexto, passam a circular nas interações comunicativas os chamados “testes de raciocínio, desafios ou brincadeiras de descobrir”, como assim são apresentados, que fazem alusão a uma das tipologias fraseológicas cuja descrição do ponto de vista cultural, antropológico e, principalmente, linguístico, tem sido realizada ao longo dos anos, os ditados populares. No meio virtual, o usuário da grande rede, nessa brincadeira, precisa de dois elementos relevantes para que seu desempenho seja efetivo, a saber: (re)conhecer o ditado popular em questão e, além disso, associá-lo adequadamente à combinação de caracteres em forma de *emoji* usada para representá-lo visualmente. Essas duas premissas juntas vão garantir parte da efetividade do reconhecimento da estrutura posta em evidência.

Assim, em face do crescente interesse de pesquisadores da área da linguagem em relação aos fraseologismos e da preocupação em acompanhar a manifestação dessas unidades em textos multissemióticos, que transitam em interações discursivas físicas e virtuais, inclusive em aplicativos de mensagens instantâneas, enseja-se, com este artigo, discutir o reconhecimento de fraseologismos representados em sequência de *emojis*, ou *fraseoemojis*³, em um desafio de natureza lúdica em ambiente digital.

Em termos metodológicos, a pesquisa pauta-se pela abordagem qualiquantitativa, constituindo um estudo exploratório e descritivo (Marconi; Lakatos, 2021), dividida em duas etapas de realização. Na primeira fase, fez-se a aplicação de testes com *emojis* a 12 colaboradores, com vistas a verificar o reconhecimento dos fraseologismos representados pela

³ Neste artigo, adota-se a nomenclatura *fraseoemoji* em referência à representação de fraseologismos semanticamente opacos, como ditados populares, sob a forma de sequência de *emojis*, em textos de caráter lúdico ou adivinhas. Não se trata, obviamente, de um termo científico para designar um novo tipo de fraseologismo, que é de natureza verbal, mas tão somente de uma sugestão de nomenclatura para abrigar um tipo de arranjo multissemiótico envolvendo a representação de unidades fraseológicas opacas, por meio da combinação de *emojis*.

sequência de *emojis*. Na segunda etapa, procedeu-se à análise tanto em razão de suas características fraseológicas quanto imagéticas.

Além deste tópico introdutório, o artigo está organizado em seções que tratam dos fraseologismos do ponto de vista de sua definição e propriedades que ajudam na sua identificação. Em seguida, uma seção sobre a linguagem imagética e como se deu a trajetória dos *emojis* até a sua inserção em configurações de teclados. Logo após, a metodologia adotada para a realização do estudo, assim como a apresentação e discussão dos resultados alcançados e a lista de referências que embasam a pesquisa.

1 Fraseologia

De acordo com Mejri (1997, 2012), a fraseologia constitui um fenômeno linguístico universal que se manifesta por meio das associações sintagmáticas recorrentes, sobre as quais atua o *figement*, processo de congelamento ou cristalização linguística. Essas sequências, também chamadas de fraseologismos ou de unidades fraseológicas, são produtos da fixidez sintático-semântica, processo escalar pelo qual itens lexicais até então livres passam a figurar em blocos na língua, graças à repetição do uso. Em virtude do caráter gradiente desse processo de fixação lexical, as sequências resultantes podem ser fixas ou semifixas, com sentido composicional, como ilustram colocações do tipo **hermeticamente fechado**, **chuva torrencial**, ou não composicional, a exemplo de expressões idiomáticas (**bater as botas**, **pular a cerca**), caso em que podem assumir um novo significado global a partir de restrições formais e semânticas impostas aos elementos que as integram, como em **cavalo dado não se olham os dentes**, em que nenhum dos constituintes do sintagma é entendido pelo seu significado particular, e sim pelo seu conjunto.

Além de figurarem como estruturas pré-fabricadas, os fraseologismos são objeto de investigação da Fraseologia, campo de estudo firmado a partir dos anos iniciais do século XX. Embora existam desde sempre nas línguas naturais, já que se trata de fenômeno universal, as unidades fraseológicas eram abordadas de forma marginal nos estudos linguísticos, aparecendo no rol das expressões e gírias, sem que houvesse tratamento sistemático que levasse a uma descrição mais refinada das noções de base que circundam essas sequências sintagmáticas, que surgem e se firmam independentemente da vontade dos seus falantes. A referência ao nome *Phraséologie* remete a Charles Bally, em 1909, autor que vinculou os estudos fraseológicos à

tradição lexicológica. Anos depois, a sistematização da área ocorreu a partir da escola russa de Fraseologia, com Polivanov (1931) e Vinogradov (1947).

Em meio ao contexto de institucionalização da área, a descrição do fenômeno fraseológico ganhou adeptos em duas perspectivas. Nessa distribuição, há autores que vinculam a Fraseologia à Lexicologia, nessa lista estão Bally (1909), Coseriu (1950), Corpas Pastor (1996), Klare (1996), Mejri (1997, 2012, 2018)⁴, e há aqueles que a consideram um campo investigativo autônomo, como advogam Ruiz Gurillo (1996) e Corpas Pastor (2017). Embora a Fraseologia tenha sido inicialmente vinculada à Lexicologia, os avanços teóricos e metodológicos alcançados nos últimos anos permitem reivindicar sua autonomia em relação às demais disciplinas, com as quais mantém interface, passando a integrar, atualmente, a macroárea das ciências do léxico (Alves; Krieger, 2023).

Para além das questões envolvendo a delimitação da área, uma das dificuldades encontradas em estudos fraseológicos reside no método utilizado para identificar e delimitar uma unidade prototípica dessas estruturas, uma vez que se faz necessária a distinção entre uma combinação livre e uma unidade fixa. Na tentativa de sanar essa problemática, recorreremos aos critérios sugeridos por Mejri (2012) em que o autor elenca seis propriedades básicas de reconhecimento dessas entidades, quais sejam: polilexicalidade, fixidez, congruência, frequência, previsibilidade e idiomaticidade.

A polilexicalidade assegura que os fraseologismos são sequências que apresentam dois ou mais constituintes, funcionando como uma sintagma plural, na terminologia de Mejri (1997). O caráter polilexical dessas estruturas é uma premissa básica para a sua identificação, pois nem toda união de itens lexicais se configura como um fraseologismo, mas todo fraseologismo apresenta polilexicalidade.

A fixidez é, para Mejri (1997), a característica mais importante do fraseologismo, uma vez que esse aspecto se relaciona ao fato de que os elementos da combinatória perdem sua liberdade de comutação dentro do sintagma e passam a ser sistematicamente repetidos pelos usuários de determinada língua com uma configuração relativamente fixa, rígida. O fenômeno da fixidez revela o caráter institucional do fraseologismo, pois, a partir de sua alta frequência de uso, passa a assumir a forma estável capaz de lhe dar o *status* de fraseologismo. Para o autor, "[...] uma sequência é dita cristalizada se ela encontra uma fixidez total ou parcial de regras da

⁴ Na tradição dos estudos franceses em Fraseologia, no âmbito da Léxico-gramática, Salah Mejri considera que, a despeito do fenômeno fraseológico ser central nas línguas, envolvendo todos os níveis linguísticos, o ponto de vista lexicológico permite adotar uma visão integral para a fraseologia, incorporando tanto a monolexicalidade quanto a polilexicalidade aos estudos das unidades lexicais, numa proposta inovadora que o autor denomina de terceira articulação da linguagem.

combinatória sintagmática e da comutatividade paradigmática” (Mejri, 2012, p. 143). O processo de fixidez ocorre, portanto, tanto no plano sintático quanto no plano semântico, de modo que os falantes passam a reconhecer e a significar tais ocorrências em sentido restrito, em situações específicas, observando-se, nestes casos, os acordos tácitos das mais diversas comunidades linguísticas.

Decorrentes ou motivadoras da fixidez, a frequência de uso e a previsibilidade também são características relevantes a serem consideradas. A esse respeito, os estudos apontam que as unidades fraseológicas são significativamente frequentes nos textos em geral, a depender do gênero e da temática em que o texto se circunscreve (Mejri, 1997). Para o português brasileiro contemporâneo, Fulgêncio (2017) menciona que identificou mais de 8.000 expressões fixas. Sabe-se, todavia, que a quantidade de sequências semifixas e em vias de cristalização é superior à de expressões totalmente fixas.

A alta frequência dessas unidades, associada à fixidez, confere a elas caráter previsível. Devido a esse aspecto, o acréscimo e sobretudo a omissão de algum componente na estrutura sintagmática não passam facilmente despercebidos, pois é perfeitamente possível recuperar o elemento ausente ou notar o item estranho à sequência. Assim, se alguém profere uma sequência como **antes só...**, num determinado contexto em que se discutam problemas de uma relação tóxica, provavelmente poderá completar o fraseologismo, mencionando a sua segunda parte (**que mal acompanhado**), que fica subentendida, sendo, portanto, previsível.

Por sua vez, o critério da idiomaticidade remete à natureza semântica do fraseologismo. Comumente, a bibliografia da área define essa propriedade em termos de transparência e opacidade (Tagnin, 2005). Na vertente francesa, entretanto, aborda-se o aspecto idiomático não apenas como resultado da não-composicionalidade semântica, “envolvendo outros parâmetros, como a adequação do emprego de uma sequência ao contexto exigido” (Mejri, 2012b, p. 28, tradução nossa)⁵.

Nas palavras de Cendón (2002), a idiomaticidade é a

La categoría de la idiomaticidad, al igual que la fijación, es gradual, dado que, por un lado, hay combinaciones que presentan una idiomaticidad total pero, por otro, hay combinaciones que son fijas pero no idiomáticas (tal es el caso de un gran número de UF en los lenguajes especializados). Se puede establecer, así, una escala de más a menos idiomaticidad. No obstante, las UF que presentan idiomaticidad presentan también fijación, con lo que se suele

⁵ “[...] elle peut dépendre d’autres paramètres comme l’adéquation de l’emploi d’une séquence au contexte exigé”. (Mejri, 2012b, p. 28).

apuntar que a una mayor idiomaticidad corresponde una mayor fijación⁶ (Cendón, 2002, p. 118).

Para Cendón (2002), a idiomaticidade, assim como a fixidez, apresenta caráter gradual, uma vez que os fraseologismos, em suas diversas manifestações, podem apresentar ou não essa característica, como é o caso das colocações, por exemplo, em que há fixidez na estrutura sintagmática, porém elas podem ou não ser idiomáticas.

Nos casos em que a sequência é totalmente fixa e semanticamente opaca, não se pode extrair o significado individual dos elementos da combinatória, pois cada constituinte perde o seu significado usual e assume uma acepção global. Com isso, os fraseologismos se investem de um significado particular, em muitas ocasiões, diferente de seu significado literal. Desta forma, na representação fraseológica simbólica de 🌍 🙈 😊 👑 ~ **em terra de cego quem tem um olho é rei**, não se pode depreender o sentido do fraseologismo pela individualidade de cada constituinte icônico.

No rol da variedade de tipologias fraseológicas, as parêmias⁷ gozam de ampla descrição e foram as primeiras unidades a serem catalogadas em compêndios lexicais (Monteiro-Plantin, 2017). O termo parêmia serve de hiperônimo para unidades como dito popular, adágio, refrão, frase feita, máxima, citação, aforismo etc., sendo o provérbio o representante prototípico dessa categoria. Em função disso, não é tão simples definir o provérbio e estabelecer seus limites no caudal paremiológico.

A respeito da categoria dos provérbios, Zavaglia (2016) a inclui como parte do léxico geral da língua, possuindo tradição oral e natureza moral. A autora aponta algumas características gramaticais dos provérbios, como (i) iniciar a sentença com: a) a preposição “para” (Para bom entendedor, meia palavra basta), o pronome “quem” (Quem fala o que quer, ouve o que não quer), verbos como o “valer” (Mais vale um pássaro na mão que dois voando), o artigo indefinido “um” (Um mal nunca anda só), o advérbio “tanto” (Água mole em pedra dura tanto bate até que fura), o pronome “tudo” (Tudo que é demais enoja), o pronome “todo” (Todos os caminhos levam a Roma); (ii) rimar a sentença: A ocasião faz o ladrão, Em briga de

⁶ A categoria da idiomaticidade, assim como a fixação, é gradual, pois, por um lado, existem combinações que têm uma idiomaticidade total, mas, por outro lado, existem combinações que são fixas, mas não idiomáticas (como é o caso de um grande número de UF em línguas especializadas). Assim, uma escala de mais a menos idiomática pode ser estabelecida. Entretanto, as UF que apresentam idiomaticidade também possuem fixação, com o que geralmente se observa que uma idiomaticidade maior corresponde a uma maior fixação (Cendón, 2002, p.118, *tradução nossa*).

⁷ Embora as parêmias constituam também fraseologismos, há autores que as consideram objeto de estudo de uma disciplina específica, a Paremiologia.

marido e mulher ninguém mete a colher; (iii) realizar comparações: Goiabada sem queijo é que nem abraço sem beijo.

Em virtude do caráter fluido das parêmiias, Monteiro-Plantin (2017, p. 3) prefere adotar o termo sentença proverbial, considerando-o como umas das principais características dessa unidade “a transmissão de uma lição, ensinamento ou conselho, de forma independente, impessoal e atemporal, sem comprometimento direto do enunciador.” Para ela, essas unidades podem ser caracterizadas por terem independência gramatical e textual em relação à enunciação, constituindo uma frase ou um texto (*Casa de ferreiro espeto de pau / Praga de urubu não pega em beija-flor*); serem relativamente fixas, em se tratando de sua morfossintaxe, apresentando bloqueio ou restrição de flexões (*Mais vale um pássaro na mão do que dois voando / Quem vê cara não vê coração.*); serem de fácil memorização, do ponto de vista fônico, por meio de recursos sonoros como a rima, já mencionada anteriormente (*Quem conta um conto, aumenta um ponto / Beleza não se põe na mesa*), e servirem como testemunhas da herança cultural de um povo, a fim de alertar, aconselhar, avaliar, julgar, elogiar, repreender (*Em rio que tem piranha, jacaré nada de costas / Quem com ferro fere, com ferro será ferido*).

Diferentemente de outras unidades, as parêmiias são em geral fixas, metafóricas e de tradição oral, estreitamente vinculadas à cultura e à história da comunidade linguística que as utiliza ao longo do tempo. Corpas Pastor (1996) salienta que, quanto mais uma unidade fraseológica se expõe a alterações, mais ela prova o seu grau de fixidez na língua em que circula. Desta forma, os ditados e provérbios, a despeito da trajetória temporal, sobrevivem a diferentes contextos históricos e, em alguns casos, como o exposto aqui, se adaptam às necessidades comunicativas.

É graças à competência fraseológica (Ortíz Alvarez, 2015) que o falante consegue reconhecer e utilizar os inúmeros fraseologismos existentes na língua, dentre os quais as parêmiias. Para Mejri (2012a), esse reconhecimento depende diretamente do cruzamento entre a fixidez e a congruência, levando o falante a lidar com a fixidez e a variação, por um lado, e com a congruência e a incongruência, por outro. Convém observar, no entanto, que essas sequências não devem ser dissociadas do uso, pois seu sentido é recuperado e atualizado em contexto desde que se trate de conhecimento compartilhado pelos falantes, razão pela qual Monteiro-Plantin (2014, p. 106) situa a competência fraseológica no âmbito da competência discursiva, a qual “diz respeito à capacidade de selecionar, ou reconhecer entre as estruturas linguísticas, paralinguísticas e epilinguísticas disponíveis, as que melhor atendam aos propósitos discursivos dos interlocutores”.

Em um ambiente com mecanismos reguladores próprios, como acontece no meio eletrônico, essa adequação está atrelada, em certos momentos, à variável tempo. Internautas, ávidos por informação e entretenimento, fazem do ambiente virtual o lugar das atualizações também em nível discursivo. A todo momento, novas formas de interagir são criadas ou revisitadas. Em meio às incontáveis possibilidades de distração oferecidas pela *internet*, há desafios criados a partir de *emojis*, como: descubra os nomes de filmes, nomes de brincadeiras, nomes de músicas, ditados populares. Para todos os casos listados, é necessário que o usuário recorra à sua competência. Em relação aos desafios que envolvem ditados populares, existe a premissa de que o usuário acione os mecanismos de reconhecimento da unidade representada sob a forma de *emojis*. Assim, a fraseologia no tecnodiscurso demanda do internauta conhecimentos associados também ao ambiente eletrônico, envolvendo a linguagem imagética no contexto das redes sociais, como se verá na seção a seguir.

2 Linguagem imagética, *Emojis e WhatsApp*

Em linhas gerais, desde os primórdios da humanidade, o homem sentiu a necessidade de se comunicar e começou a representar essa necessidade por meio de imagens, as quais têm sido sistematicamente descritas e analisadas ao longo dos anos. Neste contexto, a "linguagem é vista como atividade humana simbólica, estruturada por signos e códigos" (Lévy, 1996, p. 9) por meio da qual o homem se comunica, relaciona-se com os seus pares e com o universo que o cerca. A respeito dos fatores imagéticos, Bosi (1988, p. 65) discorre: "Os psicólogos da percepção são unânimes em afirmar que a maioria absoluta das informações que o homem moderno recebe lhe vem por imagens. O homem de hoje é um ser predominantemente visual".

A respeito dos signos, consideramos a definição triádica proposta por Peirce (1990, p. 230), em que o autor ressalta o fato de que "Para que alguma coisa deva ser um signo, ela deve representar, por assim dizer, alguma outra coisa, chamada seu objeto". A partir desta premissa, entende-se que o signo cumpre o papel de representar algo, como ocorre com as sequências fraseológicas que circulam no ambiente virtual pelo uso de caracteres específicos, os *emojis*. A velocidade com que as informações são trocadas atualmente leva os usuários de aplicativos de mensagens instantâneas, talvez por economia no uso dos diversos caracteres existentes e que estão sempre à mão, a uma tentativa de sintetizar a informação. Como consequência do uso recorrente da linguagem imagética, tem-se observado uma rica produção de estruturas que, assim como no discurso oral, revelam a dinamicidade dos falantes e sua competência em nível

linguístico e discursivo no que tange ao uso de fraseologismos nas diversas interações cotidianas.

Sobre o uso de imagens no processo de comunicação, Benjamin (1994) explica que

A produção artística começa com imagens a serviço da magia. O que importa, nessas imagens, é que elas existem, e não que sejam vistas. O alce, copiado pelo homem paleolítico nas paredes de sua caverna, é um instrumento de magia, só ocasionalmente exposto aos olhos dos outros homens: no máximo, ele deve ser visto pelos espíritos (Benjamin, 1994, p. 173).

E relacionando-as ao contexto digital, as interações ocorridas em meio eletrônico revelam também traços da criatividade dos internautas. Nesse sentido, não apenas o uso indistinto de imagens pode ser coletado de discursos produzidos na *internet*, como também se pode verificar a sistematicidade de algumas construções que veiculam traços históricos, culturais de determinadas comunidades linguísticas, especialmente quando o objeto mediador são os *emojis*.

De acordo com Negishi (2014), *emoji* é uma palavra japonesa derivada da junção dos termos *e-*, o qual significa *imagem*, e *-moji*, o qual significa *letra*. De origem japonesa, os *emojis* são ideogramas utilizados em mensagens eletrônicas e páginas da rede mundial de computadores, recursos midiáticos que sofreram processo de expansão de uso para além do país nipônico. Acerca dos diferentes recursos gráficos utilizados atualmente, Paiva (2016) esclarece

Ao lado de todas essas novidades na comunicação escrita, utilizamos três tipos de figuras: os *emoticons*, que são representações tipográficas de expressões faciais, como :) que se transforma automaticamente em ☺ pelo editor de texto *Microsoft Word*; os *emojis*, que são gravuras produzidas com a tecnologia criada por um grupo sem fins lucrativos denominado Consórcio UNICODE e os *Stickers*, figurinhas disponíveis em algumas plataformas como o Facebook, por exemplo (Paiva, 2016, p. 382).

Os *emojis* existem em diversos formatos para representar, por exemplo: expressões faciais, objetos, lugares, animais e tipos de clima. O processo de popularização de *Smartphones* possibilitou a inserção desses símbolos como instrumentos de comunicação nas mais distintas culturas e estão sempre à mão de qualquer usuário da *Web*. Além de possibilitar a economia de tempo ao se escrever uma mensagem, os *emojis* possibilitam também o exercício da criatividade à medida que os usuários passam a comutar ícones e signos verbais, expandindo os recursos visuais em busca de expressividade.

Ao lado dessa expansão, surgiram novas ferramentas de interação virtual. O aplicativo *WhatsApp*, por exemplo, emergiu em 2009 como mais uma opção utilizada para a troca de

mensagens, mais especificamente com a intenção de substituir as mensagens trocadas via SMS, e, aos poucos, foi se tornando um dos aplicativos mais utilizados pelos internautas. Apesar de ter sido criado nos Estados Unidos, no Brasil ele apresenta um número elevado de *downloads*.

O caráter criativo que envolve o uso de ícones nas mais variadas conversas trocadas por usuários do aplicativo *WhatsApp* demonstra a dinâmica desse processo, assim como a possibilidade de utilização de um ou mais *emojis* em uma mesma linha de escrita. Por meio desse recurso, o escrevente estabelece com o seu interlocutor uma maneira peculiar de transmitir a sua mensagem, sem que seja obrigatoriamente pela palavra escrita.

O processo de uso de imagens como ferramenta de comunicação, como dito anteriormente, revela um caminho de tentativas exitosas que o ser humano traçou ao longo de sua constituição como ser social e propenso à interação, mas pode revelar também uma preocupação reducionista no ensino de língua, na educação básica, diante da possibilidade da diminuição da leitura e da escrita atreladas ao signo verbal.

A despeito dessa discussão, as interações entre as diferentes linguagens demonstram aumento da produtividade textual, no qual passa a emergir uma gama variada de textos multimodais, demandando novas estratégias de leitura e escrita no contexto contemporâneo. Nesse sentido, o recurso imagético associado à representação de signos verbais aciona habilidades de interpretação tanto do funcionamento da linguagem verbal, em que se originam os fraseologismos, quanto da sua interface com outras semioses. Nessa direção, surgem atualmente brincadeiras de adivinhação compostas por *emojis*, tal qual a atividade usada como base para a realização desta pesquisa, descrita na próxima seção.

3 Metodologia

Os procedimentos metodológicos da pesquisa pautam-se pela abordagem qualiquantitativa, constituindo um estudo exploratório e descritivo (Marconi; Lakatos, 2021), dividida em duas etapas de realização. Na primeira fase, fez-se a aplicação de testes com *emojis* a 12 colaboradores, com vistas a verificar o reconhecimento dos fraseologismos representados pela sequência de *emojis*. Na segunda etapa, procedeu-se à análise tanto em razão de suas características fraseológicas quanto imagéticas.

A composição da amostra a partir das sequências de *emojis* tidas como base deste estudo ocorreu em duas etapas distintas e complementares. A primeira delas foi destinada à tarefa de aplicação de um teste, o qual foi organizado a partir da seleção de um conjunto de mensagens

do *WhatsApp* que circulam como uma brincadeira de adivinha, um desafio, a 12 colaboradores estratificados conforme as seguintes especificações: ser usuário do aplicativo *WhatsApp*, ter a língua portuguesa como língua materna, pertencer à faixa-etária entre 15-46 anos, sendo seis do sexo masculino e seis do sexo feminino, além de serem naturais do estado do Pará.

Após ter definido o perfil dos colaboradores para o estudo e eles terem aceitado participar da experiência⁸, passamos à segunda etapa do processo que consistiu na aplicação dos testes de reconhecimento dos possíveis *fraseoemojis*. Para garantir a isenção do processo, no momento da aplicação, cada colaborador precisou desligar a *internet* de seu celular e, em seguida, parear o seu aparelho com a da inquiridora por meio do recurso *Bluetooth*, de modo que a coleta pudesse ser realizada individualmente e os colaboradores não tivessem contato entre si, garantindo assim o não compartilhamento das respostas e, mais importante, não tivessem como adquiri-las na *internet*. Esse processo ocorreu sempre no mesmo local, uma sala de aula da Universidade Federal Rural da Amazônia - UFRA, localizada em Belém/PA, e foram necessários doze dias para efetuar todas as entrevistas, no período de 12 a 24/10/2023, com o tempo médio de aplicação em torno de duas horas.

Na Figura 1 estão dispostas as sequências de *emojis*, organizados em linha, encontradas em uma brincadeira com grande circulação entre os usuários de diferentes redes sociais.

Figura 1 - Brincadeira com *emojis*



Fonte: extraído da amostra.

⁸ Todos os colaboradores assinaram o termo de consentimento do uso de dados.

As 16 sequências listadas na Figura 1 foram apresentadas a cada um dos 12 colaboradores, tendo em vista o seguinte protocolo: a inquiridora enviava para o celular do colaborador uma sequência de cada vez, como em (1), e perguntava se ele já tinha visto aquela sequência anteriormente; nessa fase, não era permitido que o colaborador falasse com outra pessoa, nem era fornecido a ele qualquer tipo de informação acerca da combinação enviada, era solicitado apenas que ele olhasse e falasse se sabia o significado. Cada uma das sequências tem uma Resposta Esperada (RE), conforme demonstrado no Quadro 1.

Quadro 1 - Sequências de *emojis* e seus correspondentes linguísticos

Sequência	Fraseologismo	Sequência	Fraseologismo
1. 🐎🐶🐱🐼🦷	Cavalo dado não se olham os dentes	9. 🐵🌴🐵🌴	Cada macaco no seu galho
2. 🌍👤👁️👤👁️	Em terra de cego quem tem um olho é rei	10. ⌚👍👤👤👤	Antes só do que mal acompanhado
3. 😭👉🍼	Quem não chora não mama	11. 🐴🚗🚗🚗🌱🌱	Burro preso também pasta
4. 👤🚫🐝	Em boca fechada não entra mosquito	12. 👤👤👤👤👤👤👊	A união faz a força
5. ✚🐦👉🐦🐦	Mais vale um pássaro na mão do que dois voando	13. 🐎👤👤👤🌱	Pra cavalo velho o remédio é capim novo
6. 😊🏠👉🙏👉🌟	Santo de casa não faz milagre	14. 📦?🐱🔫	A curiosidade matou o gato
7. 🏃👉👤👉👤👉👤	Quem tem pressa come cru	15. 😊❤️👤👤👤	Quem ama o feio, bonito lhe parece
8. 🌪️👉👤👉👤👉🌩️⚡	Quem planta vento colhe tempestade	16. 🐱👤👤👤❤️👉👤❤️	O que os olhos não veem, o coração não sente

Fonte: elaboração própria.

Na sequência 1, a RE seria: (a) *cavalo dado não se olha os dentes*. Em caso de resposta negativa, o inquiridor deveria fornecer uma dica, a qual consistia em: *trata-se de uma expressão popular*. Se, mesmo após o fornecimento da dica, o colaborador não soubesse responder, deveria ser sugerido a ele três alternativas, dentre elas um fraseologismo como resposta, como



referência a 1: opção a - cavalo, dado, macaco sorrindo; opção b - cavalo dado sorrindo do macaco, e opção c- cavalo dado não se olha os dentes. No caso positivo das respostas, foi perguntado ainda se o colaborador sugeriria a troca de um dos *emojis* da sequência por um outro que melhor se adequaria àquela estrutura e justificasse sua escolha.

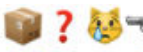

Cabe ressaltar que durante a aplicação dos testes, os colaboradores se sentiam inseguros em responder a algumas das sequências, porém com as dicas fornecidas, as respostas esperadas foram surgindo à medida que eles conseguiam relacionar os ícones com os ditados armazenados em seus conhecimentos compartilhados. Ao final, todos perguntaram qual a pontuação de acertos obtida. Na próxima seção estão os resultados desta aplicação.

4 Apresentação e discussão dos resultados

Nesta seção, apresentam-se as sequências de *emojis* listadas ao longo deste artigo, as quais são provenientes de seleção feita em brincadeiras de desafios que circulam nas redes sociais, aplicadas como testes a usuários do *WhatsApp*. Trata-se de 16 fraseologismos consagrados pela cultura popular que receberam uma configuração eletrônica específica do ponto de vista de sua descrição imagética e que demonstram a produtividade dessas unidades também em interações no meio virtual. A aplicação dos testes, descrita na seção metodológica, fez emergir, além das respostas esperadas, uma variedade de sequências análogas àquelas apresentadas aos colaboradores. No Quadro 2 estão dispostos os resultados obtidos. É necessário ressaltar que, nas Colunas 2 e 3, são descritos em primeiro plano a resposta esperada e os casos em que houve outra resposta, nem todos os fraseologismos têm uma variante, por isso, na Coluna 4, alguns espaços estão preenchidos com -. Em parênteses está a frequência de cada unidade.

Quadro 2 - Apresentação geral dos resultados obtidos

<i>Fraseoemoji</i>	Resposta Esperada (RE)	Resposta Dada (RD)	Não sabia
1. 	Cavalo dado não se olham os dentes. (12)	(a) cavalo dado não se olha os dentes. (9)	-
2. 	Em terra de cego, quem tem um olho é rei. (1)	Em terra de cego, quem usa coroa é rei. (8) Planeta dos macacos (1)	(4)

3. 	Quem não chora, não mama (12)	Não adianta chorar pelo leite derramado (1)	-
4. 	Em boca fechada não entra mosquito (8)	Em boca fechada não entra mosca (3) boca fechada não entra mosquito (1)	(1)
5. 	Mais vale um pássaro na mão que dois voando (12)	Melhor um pássaro na mão do que dois voando (1)	-
6. 	Santo de casa não faz milagre (12)	Anjo de casa não faz milagre (1) Esse santo quer reza (1)	-
7. 	Quem tem pressa come cru (2)	Apressado come cru (1)	10
8. 	Quem planta vento colhe tempestade (2)	Quem semeia vento colhe tempestade (2)	(10)
9. 	Cada macaco no seu galho (12)	-	-
10. 	Antes só do que mal acompanhado (6)	Não se recupera o tempo perdido (1)	(6)
11. 	Cavalo amarrado também pasta (-)	-	(12)
12. 	A união faz a força (11)	Juntos somos mais fortes (1)	-
13. 	Pra cavalo velho o remédio é capim novo (-)	-	(12)
14. 	A curiosidade matou o gato (12)	Quem procura acha (1)	-
15. 	Quem ama o feio, bonito lhe parece (5)	Quem o feio ama, bonito parece (1) Coração dos outros é terra que ninguém anda (1)	(7)
16. 	O que os olhos não veem, o coração não sente (7)	-	(5)

Fonte: elaboração própria.

Como exposto, os arranjos de *emojis* listados na Coluna 1 do Quadro 2 remetem a uma variedade especial de estruturas fraseológicas, as parêmias. São 16 sequências sistematicamente

organizadas em linha cujo objetivo maior é representar as unidades fraseológicas correspondentes. Desse total, 87,5% (14) foram reconhecidas pelos entrevistados, e 12,5% (2) não o foram, mesmo com as dicas fornecidas durante o inquérito.


No arranjo linguístico dos colaboradores em busca de acerto no reconhecimento das combinatórias do desafio proposto, as unidades 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 10, 12, 14 e 15 receberam, além da RE, uma ou mais respostas, sendo a sequência 1 a que mais vezes sofreu alternância, pois os colaboradores ficavam em dúvida se a unidade começaria ou não com (a), e a representação 9, a única em que 100% dos colaboradores ofereceram apenas a RE. Ainda acerca dessas respostas, observamos que, em relação ao *fraseoemoji* 2, pelo menos oito vezes os colaboradores fizeram a associação do item *coroa*, o qual é o último elemento do segmento, com o seu uso, e não com o ícone anterior 🤪 em que se tem apenas um olho em destaque no *emoji*, o que sinaliza o acionamento denotativo da imagem observada, e não uma tentativa de leitura em bloco, desconsiderando, assim, o caráter não composicional da sequência. No entanto, após o inquiridor apresentar a segunda dica em que se alertava para a organização dos ícones, todos eles reavaliaram as suas respostas e propuseram a unidade fraseológica usualmente consagrada. As séries 11 e 13 exemplificam as unidades em que os colaboradores tiveram mais dúvida e menos reconheceram os fraseologismos.


Ainda em se tratando da sequência 2, as oito ocorrências de *Em terra de cego, quem usa coroa é rei* revela um fato peculiar. Além de os colaboradores realizarem uma leitura composicional a partir da relação icônica estabelecida, também não consideraram, *a priori*, o caráter previsível da estrutura, propriedade discutida anteriormente, visto que era de se esperar que completassem “Em terra de cego,” com a outra parte já consagrada no uso “quem tem um olho é rei”.

O fato de serem unidades armazenadas no léxico coletivo torna os fraseologismos reconhecíveis mesmo quando sua apresentação foge de uma forma usual. O reconhecimento, quase automático pelos colaboradores das unidades sob análise, observado neste estudo, pode ter ocorrido como salienta Mejri (2012) em razão das propriedades que emanam desse tipo de fenômeno. Neste sentido, a primeira e mais saliente das características fraseológicas, qual seja, a polilexicalidade, é nitidamente marcada e representada, já na superfície do *fraseoemoji*, pela própria disposição de um item após o outro nas séries analisadas, o que muito se assemelha à concepção da linearidade do signo linguístico, de base estruturalista.

Ademais, os *fraseoemojis* encontrados apresentam fixidez sintagmática, elemento central na identificação fraseológica. A fixidez, como ressalta Mejri (2012), evidencia como o processo de cristalização se instaura em certas sequências, tornando-as relativamente estáveis

sintaticamente e totalmente fixas em relação ao sentido que veiculam. O acionamento, por cada colaborador, dos significados de cada combinatória mostrada evidencia o quanto as unidades fraseológicas circulam nos sistemas das línguas e se tornam reconhecíveis para os falantes/usuários no sentido de serem recuperáveis, mesmo que esse processo ocorra por meio de uma reformulação que transcenda a linguagem verbal.

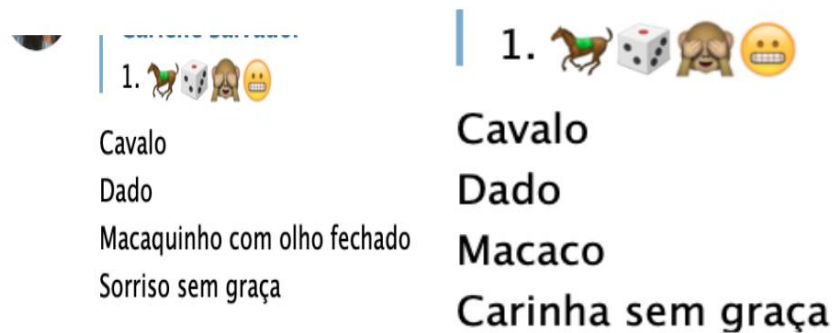
A fixidez do fraseologismo não impede, porém, que ele esteja suscetível a algum tipo de reformulação, desde que o sentido por ele veiculado seja preservado, fenômeno de descristalização lexical, já observado em Salvador e Souza (2023) em relação à fala da personagem Magda, do seriado *Sai de Baixo*. Assim como nas estruturas linguisticamente organizadas, o que se percebe nos dados analisados é que o colaborador busca em seu acervo um elemento que mais se adeque ao contexto da unidade, a característica da congruência posta em evidência, já que pelo congelamento da estrutura, apenas os inscritos nas regras da combinatória podem assumir um lugar na cadeia de *emojis* sugerida. Na sequência 4, por exemplo, três colaboradores sugeriram a troca do *emoji* *mosquito* por *mosca*, um deles chegando, inclusive, a enviar uma proposta de reformulação em que há a troca de *emojis*: 4. , confirmando a escala de correspondência proposta por Peirce (1990) em que o signo se materializa por meio do ícone que o representa. Em adição, a sugestão feita por esse colaborador possibilita aferir o grau de fixidez da unidade, pois, nesse caso, a permuta advinda primeiramente do nível linguístico também pode ser realizada no nível icônico, sem afetar a mensagem.

A organização linear dos *fraseoemojis*, assim como ocorre com os segmentos linguísticos, revela a disposição de cada elemento no sintagma que condiciona, além do grau de fixidez, a possibilidade de um *emoji* ocupar um determinado lugar e não outro. Por exemplo, as unidades que apresentam negação. Nessas representações, o ícone que marca a negação está sempre anteposto, como visto em: 3. . Essa mesma relação acontece em 4, 6 e 10, embora em 4 o ícone de negação utilizado seja diferente. Ainda acerca da previsibilidade, verificamos que a disposição dos *emojis* em sequência favorece o reconhecimento dos ditados, sendo as unidades extensas as mais favorecidas e mais rapidamente lembradas.

Além de verificar, por exemplo, as categorias gramaticais presentes nos fraseologismos, como aqueles que são encabeçados pelo pronome *quem* (Zavaglia, 2016), e comprovar que as unidades selecionadas exibem essa configuração nos exemplos 3, 7, 8 e 15, as representações icônicas encontradas apresentam ainda outra característica particular: a idiomaticidade prototípica que configura os ditados populares. Frutos da tradição oral e ancorados na memória

lexical coletiva, a semântica fraseológica dos ditados opera de maneira a exigir que se faça a análise não composicional, gerando o seu significado opaco, o que significa dizer que a leitura das sequências apresentadas aos colaboradores não poderia ser feita considerando o significado individual de cada ícone. Essa premissa, no entanto, foi quebrada duas vezes por um dos colaboradores que ofereceu as respostas expostas na Figura 3.

Figura 3 - Cavalo dado não se olham os dentes



Fonte: extraído do *corpus*.

Como é possível notar na Figura 3, por duas vezes, o colaborador recorreu à identificação literal e discriminou cada um dos elementos da combinatória. Entretanto, quando a inquiridora forneceu a primeira dica, o sentido figurado da estrutura foi recuperado pelo entrevistado. Por se tratar da primeira sequência testada, a dificuldade de captura da representação não mais ocorreu, uma vez que o colaborador deduziu com as demais opções que estava em busca de *expressões populares*, nomenclatura utilizada por ele para se referir aos fraseologismos. A descrição de cada elemento, como se vê, não alcança o sentido veiculado por esse fraseologismo.

A dificuldade encontrada por alguns dos entrevistados em oferecer a resposta esperada, o que aconteceu em 2, 4, 8, 10, 11, 15 e 16, parece residir no fato de que eles não conseguiram recuperar o significado dos ícones, nem associá-los ao significado fraseológico subjacente às representações icônicas. Quando questionados sobre os motivos que impediram a identificação imediata de alguns fraseologismos, oito colaboradores salientaram que não usam *emojis* com regularidade em suas conversas, outros quatro disseram que a maior dificuldade encontrada foi não conseguir associar as *figuras* aos ditados populares, mas todos eles também apontaram que já usaram, pelo menos uma vez, uma das 16 sequências apontadas no teste. Outros cinco participantes apontaram que, se houvesse a permuta de *emojis* nas sequências 4, 5, 9 e 10, a compreensão seria maior, pois no segmento 9. 🕒 👍 👤 🗨️ 👥, por exemplo, o ícone da

ampulheta desviou a atenção do colaborador para outro referente que não fosse exatamente a noção de tempo (“antes”, pois ela projetou a resposta para algo mais elaborado).

Acerca dos obstáculos, ainda é possível observar que em 11 e 13 nenhum dos colaboradores forneceu a RE. Quando indagados sobre esse fato, todos foram unânimes em afirmar que não conheciam os dois fraseologismos e, por esse motivo, não conseguiram projetar a resposta por meio dos *emojis*. Essa informação confirma a hipótese de que o primeiro acionamento dos usuários é a competência fraseológica, conforme afirma Ortíz Alvarez (2015), pois mesmo os usuários mais habilitados em conversas instantâneas e uso de aplicativos acionam o conhecimento compartilhado para deprender o sentido que se quer obter a partir do uso dos *emojis*. Sem esse conhecimento prévio da unidade lexical, o processo de reconhecimento icônico fica parcialmente comprometido. Talvez isso se deva ao fato de esses dois ditados (11 e 13) não serem mais tão usuais na língua e menos ainda para falantes jovens do meio urbano, uma vez que ambos fazem referência a elementos do campo, como cavalo e burro.

Além dos fatores supramencionados, foi relatado também por dois entrevistados que, na sequência 14. 📦 ? 🐱 📡, seria necessária a reorganização dos ícones, pois a disposição oferecida confunde o usuário quanto à cronologia da ação descrita, e a figura do gato indicaria tristeza, já que se tem *a curiosidade matou o gato*, usado para alertar uma pessoa sobre o seu grau de curiosidade em determinadas situações.

Cabe também destacar as respostas não esperadas dadas pelos colaboradores para algumas perguntas. Com exceção de *planeta dos macacos*, que se trata de sintagma livre, e *Em terra de cego, quem usa coroa é rei*, as demais respostas não esperadas constituem fraseologismos, acionados pela relação estabelecida por algum dos ícones da estrutura, como *Não adianta chorar pelo leite derramado; Esse santo quer rezar; Não se recupera o tempo perdido; Juntos somos mais fortes; Quem procura acha; e Coração dos outros é Terra que ninguém anda*. A busca por essas outras respostas não foi aleatória, demonstrando a inter-relação entre a competência fraseológica e o nível de conhecimento da linguagem digital mediada por *emoji*, uma vez que pelo menos um dos elementos da combinação de *emojis* suscitou, nos falantes, a escolha por uma sequência que fosse do acervo fraseológico da língua relacionada em alguma medida com um dos ícones.

Dessa forma, os fraseologismos circulam nos sistemas das línguas e se tornam reconhecíveis para os falantes/usuários no sentido de serem recuperáveis, mesmo que esse processo ocorra por meio de uma reformulação que transcenda o nível linguístico. Em outras palavras, o fraseologismo de natureza muito opaca, ao ser representado iconicamente, parece

demandar do leitor contemporâneo a mobilização de múltiplas competências para além da modalidade puramente verbal.

Considerações Finais

O jogo imagético, atrelado às figuras comumente utilizadas pelos internautas, como visto neste artigo, deu origem a brincadeiras em forma de desafios que testam a competência de reconhecimento de estruturas consagradas na língua. No entanto, quando esse processo ocorre por meio de *emojis*, dois pré-requisitos são postos à prova. O primeiro deles diz respeito ao reconhecimento do próprio fraseologismo, e o segundo, à habilidade de uso dos recursos digitais em consonância com os propósitos discursivos.

A aplicação dos testes de reconhecimento revelou como os colaboradores da amostra concebem os fraseologismos em suas interações cotidianas. O acionamento da competência fraseológica possibilitou que, em uma amostra de 12 usuários, apenas duas sequências não fossem identificadas, reconhecidas, o que não exclui o conhecimento por parte desses colaboradores em relação às combinatórias testadas.

A respeito das características fraseológicas representadas nos *fraseoemojis*, foi possível identificar correspondências entre ambas as linguagens na expressão dos ditados. Entre elas, a propriedade mais evidente é a polilexicalidade, sugerida pela organização linear dos *emojis*. As demais propriedades puderam também ser minimamente simbolizadas pelo arranjo semiótico, na medida em que os ícones escolhidos buscaram representar ao máximo os referentes individuais dos ditados, como na sequência 9, em que a configuração imagética do fraseologismo indica claramente os referentes evocados. Embora, em alguns exemplos, o ícone selecionado não tenha favorecido a imediata identificação, como na sequência 10, iniciada pela figura da ampulheta, este símbolo não está de todo modo distante do significado pretendido, visto que remete à noção de tempo.

Essa busca pela representação literal dos significados poderia evidenciar exatamente a negação do caráter semanticamente opaco dos fraseologismos tratados neste artigo, uma vez que os ditados populares possuem sentido figurado e, portanto, não composicional, semelhante às expressões idiomáticas. Todavia, em se tratando de representação pictórica, em textos multimodais, o acesso ao significado global do ditado é antecedido pela recuperação dos sentidos denotativos dos itens que formam a estrutura sintagmática das sequências polilexicais, as quais apresentam dupla estruturação semântica (Mejri, 1997, 1998). Em outras palavras, o

acionamento do plano denotativo, ativado pela imagem, serve como ponte para chegar à interpretação conotativa cristalizada.

Em virtude dessa inter-relação entre o verbal e o não verbal no encadeamento imagético dos fraseologismos opacos, adotou-se o termo *fraseoemojis* para designar as representações pictóricas de ditados populares, em texto digital. Talvez por ser um fenômeno recente, no âmbito da multimodalidade, a bibliografia da área fraseológica ainda não apresenta um termo específico para esse tipo de ocorrência no contexto de tradução intersemiótica. Assim, o falante, pela competência fraseológica, ouve e reconhece o significado dos fraseologismos, mas a interpretação da sequência semiótica exige cada vez mais a interação do conhecimento linguístico com outras habilidades exigidas por outras linguagens que se manifestam em textos multimodais, em ambiente tecnodiscursivo.

REFERÊNCIAS

ABDALLA, G. C. **Pictogramas emojis**: marcas digitais da cultura contemporânea. Dissertação (Mestrado em Design) - Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-graduação em Design, Universidade Federal de Santa Catarina, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/229228>. Acesso em: fev. 2026.

ALVES, I. M.; KRIEGER, M. da G. As ciências do léxico: a consolidação de uma área. In: ISQUERDO, A. N.; MARQUES, E. A. **As ciências do léxico**: volume X: lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2023.

BALLY, C. **Traité de stylistique française**. 2 ed. Paris: Klincksieck, 1951.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BOSI, Alfredo. **Céu, inferno**: ensaios de crítica literária e ideológica. São Paulo: Ática, 1988.

CENDÓN, B. M. **Estrategias fraseológicas en el género discursivo de los artículos científicos médicos en lengua inglesa**. Tese (Doutorado em Filosofia y Letras) - Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Valladolid, 2002.

CORPAS PASTOR, G. ; ORTIZ ALVAREZ, M. L. Fraseologia e Paremiologia: uma entrevista com Gloria Corpas Pastor. **ReVEL**, vol. 15, n. 29, 2017. Tradução de Ana Carolina Spinelli. Revisão técnica de Gabriel de Ávila Otero. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/files/d7783947a79a23cc9fa41a62b852a992.pdf>. Acesso em: 18 nov. 2025.

CORPAS PASTOR, G. **Manual de fraseologia española**. Madrid: Gredos, 1996.

FARIA JÚNIOR, M. A.; SILVEIRA, S. A. O WhatsApp e a Plataformização no Brasil: uma descrição densa dos agentes articulados nas práticas de controle mediadas pela plataforma. **Intercom, Rev. Bras. Ciênc. Comun.**, São Paulo, v. 46, e2023136, 2023. doi:

<https://doi.org/10.1590/1809-58442023136pt>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/interc/a/ndZzNKnPrc5D5gwthRPnLZd/abstract/?lang=pt>. Acesso em: fev. 2026.

FULGÊNCIO, L. Conceituando fraseologia: concepções e equívocos sobre expressões fixas. **ReVEL**, vol. 15, n. 29, 2017. Disponível em: www.revel.inf.br. Acesso em 12 de junho de 2025.

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?** La Découverte, Paris, 1996.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 9 ed. São Paulo: Atlas, 2021.

MEJRI, Salah. Délimitation des unités phraséologiques. In: ORTIZ ALVAREZ, M. L. (org.). **Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia**. V.1. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.

MEJRI, Salah. **Le figement lexical**: descriptions linguistiques et structuration sémantique. Tunis: Publications de la faculté des lettres de la Manouba, 1997.

MEJRI, Salah. Le figement lexical: descriptions linguistiques et structuration sémantique. In: **L'Information Grammaticale**, n. 76, 1998, p. 50-51.

MONTEIRO-PLANTIN, R. S. ReVEL na Escola: Fraseologia e Paremiologia: para que ensinar, se todo o mundo sabe? **ReVEL**, vol. 15, n. 29, 2017. Disponível em: www.revel.inf.br. Acesso em: 10 mai. 2025.

MONTEIRO-PLANTIN, R. S. **Fraseologia**: era uma vez um patinho feio no ensino de língua materna (volume I). Fortaleza: Imprensa Universitária, 2014.

NEGISHI, Minoru. **Meet Shigetaka Kurita, the Father of Emoji**. The Wall Street Journal, 26 mar. 2014. Disponível em: www.wsj.com.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira. A linguagem dos emojis. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 55, n. 2, p. 379-401, ago. 2016. Disponível em: SciELO.

ORTÍZ ALVAREZ, M. L. A competência fraseológica no aprendizado das expressões idiomáticas. In: MONTEIRO-PLANTIN, R. S. **Certas palavras o vento não leva**: homenagem ao professor Antonio Pamies Bertrán. Fortaleza: Parole, 2015, p. 261-286.

PEIRCE, C. S. **Semiótica**. 2. ed., São Paulo: Perspectiva, 1990.

SALVADOR, C. F. N.; SOUZA, D. P. de. Matar dois coelhos com uma caixa d'água só: fraseologia e humor na fala da personagem Magda. **Revista de Letras**, [S. l.], v. 2, n. 42, 2024. DOI: [10.36517/2525-3468.rdl.v2i42.2023.92283](https://doi.org/10.36517/2525-3468.rdl.v2i42.2023.92283). Disponível em: <https://periodicos.ufc.br/revletras/article/view/92283>. Acesso em: 14 jan. 2026.

SANTAELLA, L. **Introdução à semiótica**: passo a passo para compreender os signos e a significação / Winfried Nöth, Lucia Santaella. — São Paulo: Paulus — Coleção Introduções, 2017.

ROJO, R. H.; MOURA, E. **Letramentos, mídias, linguagens**. São Paulo: Parábola Editorial 2019.

ZAVAGLIA, C. Unidades paremiológicas em dicionários bilíngues: em defesa da definição.
In: SILVA, Suzete. (Org.) **Fraseologia & Cia**: entabulando diálogos reflexivos. Campinas, SP: Pontes Editores, 2016.